



## A Santa Sé

---

**MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI  
AO PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL  
ITALIANA POR OCASIÃO DA 45ª SEMANA SOCIAL  
DOS CATÓLICOS ITALIANOS**

*Ao Venerado Irmão D. ANGELO BAGNASCO  
Presidente da Conferência Episcopal Italiana*

Celebra-se este ano o centenário da primeira *Semana Social dos Católicos Italianos*, realizada em Pistóia de 23 a 28 de Setembro de 1907, por iniciativa sobretudo do Prof. Giuseppe Toniolo, luminosa figura de leigo católico, de cientista e apóstolo social, protagonista do Movimento católico nos finais do séc. XIX e na alvorada do séc. XX.

Nesta significativa data jubilar, envio de bom grado a minha cordial saudação a Vossa Excelência, venerado irmão, a D. Arrigo Miglio, Bispo de Ivrea e Presidente da Comissão Científica e Organizador das Semanas Sociais, aos colaboradores e a todos os participantes na 45ª "Semana", que se realiza em Pistóia e em Pisa de 18 a 21 de Outubro corrente. O tema escolhido "*O bem comum hoje: um compromisso que vem de longe*" mesmo já tendo sido tratado nalgumas edições precedentes, mantém intacta a sua actualidade e aliás é oportuno que seja aprofundado e esclarecido precisamente agora, para evitar um uso genérico e por vezes impróprio da palavra "bem comum".

O *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, inspirando-se no ensinamento do Concílio Ecuménico Vaticano II (cf. Const. *Gaudium et spes*, 26), especifica que "o bem comum não consiste na simples soma dos bens particulares de cada sujeito do corpo social. Sendo de todos e de cada um, é e permanece comum, porque indivisível e porque só juntos é possível alcançá-lo, incrementá-lo e preservá-lo, também em vista do futuro" (*Gaudium et spes*, 164). Já o teólogo Francisco Suárez indicava um "*bonum commune omnium nationum*", entendido como "bem comum do género humano".

No passado, e ainda mais hoje em tempos de globalização, o bem comum deve ser considerado

e promovido também no contexto das relações internacionais e é evidente que, precisamente para o fundamento social da existência humana, o bem de cada pessoa resulta naturalmente interligado com o bem da humanidade inteira.

O amado Servo de Deus João Paulo II observava, a este propósito, na Encíclica *Sollicitudo rei socialis* que "se trata da interdependência, sentida como sistema determinante de relações no mundo contemporâneo, nas suas componentes económica, cultural, política e religiosa, e assumida como categoria moral" (cf. n. 38). E acrescentava: "Quando a interdependência é reconhecida assim, a resposta correlativa, como atitude moral e social e como "virtude", é a *solidariedade*.

Esta, portanto, não é um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial pelos males sofridos por tantas pessoas, próximas ou distantes. Pelo contrário, é a *determinação firme e perseverante* de se empenhar pelo *bem comum*; ou seja, pelo bem de todos e de cada um" (*ibid.*).

Na Encíclica *Deus caritas est* eu quis recordar que "a formação de estruturas justas não é imediatamente um dever da Igreja, mas pertence à esfera da política, isto é, ao âmbito da razão auto-responsável" (n. 29). E observei depois que, "nisto, o dever da Igreja é mediato, enquanto lhe compete contribuir para a purificação da razão e o despertar das forças morais, sem as quais não se constroem estruturas justas, nem estas permanecem operativas por muito tempo" (*ibid.*). Qual melhor ocasião do que esta para reafirmar que trabalhar pela justa ordem na sociedade é imediatamente tarefa própria dos fiéis leigos? Como cidadãos do Estado compete a eles participar pessoalmente na vida pública e, no respeito das legítimas autonomias, cooperar para configurar rectamente a vida social, juntamente com os demais cidadãos segundo as competências de cada um e sob a própria responsabilidade autónoma.

Na minha intervenção no *Congresso Eclesial Nacional de Verona*, no ano passado, recordei que agir em âmbito político para construir uma ordem justa na sociedade italiana não é tarefa imediata da Igreja como tal, mas dos fiéis leigos. A esta sua tarefa, que é de grande importância, eles devem dedicar-se com generosidade e coragem, iluminados pela fé e pelo magistério da Igreja e animados pela caridade de Cristo. Por isso foram sabiamente instituídas as Semanas Sociais dos Católicos Italianos e esta providencial iniciativa poderá também no futuro oferecer uma contribuição decisiva para a formação e para a animação dos cidadãos cristãmente inspirados.

A crónica quotidiana mostra que a sociedade do nosso tempo tem diante de si numerosas emergências éticas e sociais capazes de minar a sua estabilidade e de comprometer de modo sério o seu futuro. Particularmente actual é a questão antropológica, que abraça o respeito da vida humana e a atenção que se deve prestar às exigências da família fundada no matrimónio entre um homem e uma mulher. Como foi várias vezes recordado, não se trata de valores e princípios só "católicos", mas de valores humanos comuns que se devem defender e tutelar,

como a justiça, a paz e a salvaguarda da criação. Que dizer, depois, dos problemas ligados ao trabalho em relação à família e aos jovens? Quando a precariedade do trabalho não permite que os jovens construam uma família, o desenvolvimento autêntico e completo da sociedade resulta seriamente comprometido.

Retomo aqui o convite que dirigi no Congresso Eclesial de Verona aos católicos italianos, para que saibam captar com consciência a grande oportunidade que estes desafios oferecem e reajam não com um renunciatório fechamento em si mesmos mas, ao contrário, com um renovado dinamismo, abrindo-se com confiança a novas relações e não descuidando nenhuma das energias capazes de contribuir para o crescimento cultural e moral da Itália.

Por fim, não posso deixar de mencionar um âmbito específico, que também na Itália estimula os católicos a interrogar-se: é o âmbito das relações entre religião e política. A novidade substancial que Jesus trouxe é que Ele abriu o caminho para um mundo mais humano e mais livre, no pleno respeito pela distinção e autonomia que existe entre o que é de César e o que é de Deus (cf. *Mt* 22, 21). Portanto, a Igreja, se por um lado reconhece que não é um agente político, por outro não pode eximir-se de se interessar pelo bem de toda a comunidade civil, na qual vive e trabalha, e de lhe oferecer a sua contribuição peculiar formando nas classes políticas e empresariais um espírito de verdade e de honestidade genuíno, dedicado à busca do bem comum e não do proveito pessoal.

São estas as temáticas mais actuais que nunca, às quais a próxima Semana Social dos Católicos Italianos dedicará a sua atenção. Garanto a quantos nela participem uma particular recordação nas orações e, ao desejar um trabalho fecundo e frutuoso para o bem da Igreja e de todo o povo italiano, concedo de coração a todos uma especial Bênção Apostólica.

*Vaticano, 12 de Outubro de 2007.*

## **BENEDICTUS PP. XVI**

© Copyright 2007 - Libreria Editrice Vaticana